ORA

SOBRECOR

28 11 2024

01 03 2025

alexandre da cunha
allan gandhi
antonio dias
caio carpinelli
daniel mello
diego crux
emmanuel nassar
enorê
flora leite
hélio oiticica
lyz parayzo
lucia laguna
janaina wagner
marcelo cipis
matheus mestiço
milton dacosta
raphael oboé
santarosa barreto
sergio camargo
tunga

2 2 C A M I N H O S

O estudo da cor através da luz é assunto recorrente no cânone da história da arte. Já foi abordado sob os mais diversos aspectos, e foi inclusive um dos principais vetores da mudança de paradigma da pintura através dos anos. Como fenômeno de luz e transcendência, o tema abre um espaço para reflexões que vão além da percepção sensorial, e toca esferas espirituais, psicológicas e estéticas da experiência humana. Na narrativa bíblica de Gênesis, quando Deus diz “Haja luz”, e imediatamente a luz se faz presente, esse primeiro ato de criação não é apenas um gesto físico, mas um movimento cósmico que estabelece a ordem e a distinção. A luz inaugura a separação entre o caos e o cosmos, entre o claro e o escuro, e, em sua interação com a matéria, gera o fenômeno da cor. A cor, então, não se limita a ser uma simples projeção da luz na superfície dos objetos; ela carrega em si uma carga simbólica, um reflexo da dinâmica entre o material e o espiritual, o visível e o invisível, o finito e o infinito. A luz é, por assim dizer, a primeira manifestação de algo divino e imaterial que se reflete no mundo físico, gerando a percepção da cor como um elo entre o humano e o cósmico.

Tendo esses conceitos no fundo de minha mente, recentemente visitei a Casa Estúdio de Luis Barragán, na cidade do México, e percebi como o arquiteto compreendia a cor como algo muito mais do que um elemento decorativo ou funcional. Sua arquitetura, com suas paredes que variam do rosa suave ao amarelo vibrante e ao azul profundo, propõe uma experiência sensorial que vai além do simples olhar técnico. Barragán manipulava a luz e a cor com tal precisão que parecia estar criando não apenas espaços, mas ambientes carregados de significados espirituais. A cor em sua obra não é apenas um elemento formal; ela é uma presença quase tangível, que se projeta na experiência de quem habita o espaço. A luz que se infiltra por suas aberturas colore o ambiente de uma maneira que parece tocar a alma, evocando sentimentos de introspecção, serenidade ou contemplação.

Essa relação de Barragán com a cor me fez pensar em como a cor pode operar como uma espécie de tradução sensorial de algo divino, como se ela fosse o veículo de uma comunicação além das palavras. Ao pensar no conceito de cor a partir de sua obra, percebi que a cor tem um poder que ultrapassa a estética. Ela pode ser, ao mesmo tempo, uma forma de meditação, um convite à introspecção e à conexão com algo maior do que nós. Barragán parece entender a cor como um meio de transporte entre o físico e o espiritual, onde as cores não são apenas para os olhos, mas para a alma. Sua arquitetura é um espaço de reverência, e a cor, como luz, se torna um meio de abrir portas para o divino.

Voltando ao livro de Gênesis, o próprio ato de criação começa com a “Água” que cobre a terra antes da separação das águas superiores e inferiores, um movimento simbólico que antecede a própria formação da luz e da cor. A água é o veículo de todas as possibilidades; é nela que a luz se reflete e, ao se refratar, gera o espectro de cores. Sem água, não haveria como a luz se expressar em toda a sua plenitude, nem como se manifestaria a diversidade de cores que conhecemos. Nesse sentido, a água se torna um símbolo da possibilidade e da transformação, algo que conecta o divino ao terreno e o invisível ao visível.

Nesse contexto, o conceito da Árvore da Vida, que surge em várias tradições espirituais e místicas, ganha relevância. Na Kabbalah a Árvore da Vida é um símbolo das dez Sefirot, as esferas espirituais que descrevem o processo de criação do universo. Cada Sefirá, cada esfera da Árvore, é associada a uma cor específica, uma energia espiritual que não só se reflete na luz visível, mas também no comportamento da pessoa, na maneira como ela interage com o mundo.

Assim, o azul de Chochmah (Sabedoria) ou o vermelho de Gevurah (Severidade) não são apenas cores visíveis, mas expressões das energias que governam a criação. Essa ideia de que a cor não é apenas uma percepção sensorial, mas uma linguagem espiritual, é um pensamento que também permeia a obra de Barragán, cuja manipulação das cores não se limita ao físico, mas se estende ao domínio da alma.

Ao refletir sobre a cor como experiência espiritual, é impossível ignorar o que ela pode significar em termos psicológicos e emocionais. Cores como o vermelho, o azul, o amarelo ou o verde têm o poder de evocar sentimentos profundos, inconscientes, que transcendem a simples percepção estética. Carl Jung, ao estudar o inconsciente, observou que as cores podem ser vistas como símbolos arquetípicos que revelam aspectos da psique humana. Cada cor possui uma qualidade emocional única que pode abrir portas para o entendimento de nosso próprio ser. O vermelho, por exemplo, pode evocar tanto a energia vital quanto a agressividade, enquanto o azul, pode ser associado à busca por sabedoria e serenidade interior. Essa compreensão da cor como algo que fala diretamente ao inconsciente humano oferece uma camada adicional à experiência estética de Barragán: ele não cria apenas um espaço visualmente interessante, mas um ambiente que atinge o espectador em um nível emocional.

Assim, a cor se revela como um fenômeno que vai muito além daquilo que podemos ver com os olhos. Ela é, simultaneamente, um veículo de transcendência e uma linguagem simbólica capaz de comunicar estados emocionais e espirituais.

Quando Deus, na Bíblia diz “Haja luz”, ele está também dizendo: “Que a cor se faça”, pois a cor, como luz, é a manifestação visível da ordem cósmica que rege o universo, e, ao mesmo tempo, um convite para a experiência de algo maior do que nós mesmos.

— CAROLLINA CARRETEIRO

A L E X A N D R E D A C U N H A

ALEXANDRE DA CUNHA

1969, Rio de Janeiro, Brasil. Vive e trabalha em Londres, Inglaterra.

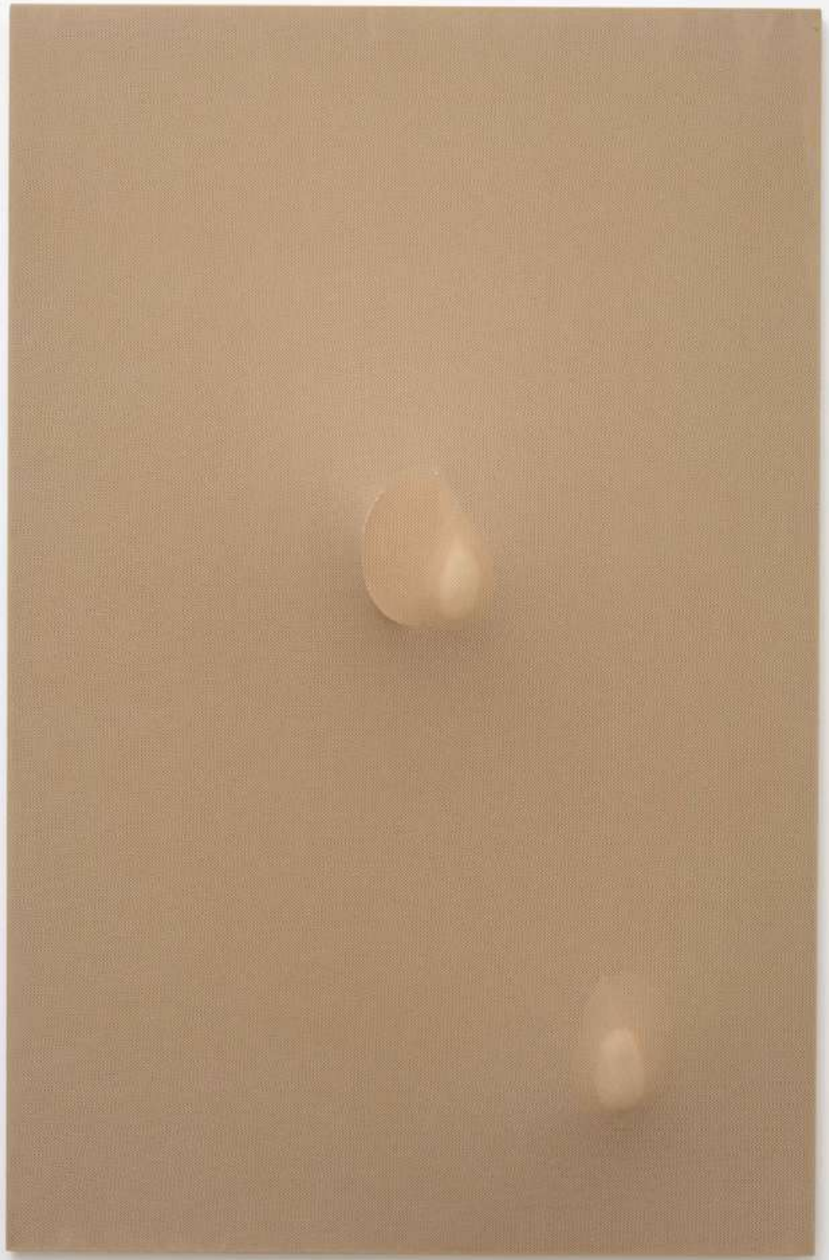
Contrapondo e mesclando materiais, e através do estabelecimento de diálogos entre eles, repertórios e objetos de diferentes origens e destinados a diferentes usos, Alexandre da Cunha opera de forma crítica dentro de uma escala de valores que une cultura brasileira pop e modernismo, artes decorativas e cultura pop britânico.

Exposições individuais recentes incluem: Portal, Galeria Luisa Strina, São Paulo, Brasil (2020); Thomas Dane, Nápoles (2020 - programada); Duologue – colaboração com Phillip King, The Royal Society of Sculptors, Londres (2018); Boom, Pivô, São Paulo (2017); Mornings, Office Baroque, Bruxelas (2017); Free Fall, Thomas Dane Gallery, Londres (2016); Amazons, CRG Gallery, Nova York (2015); Real, Galeria Luisa Strina, São Paulo (2015).

Entre os trabalhos de intervenção urbana, destacam-se as obras comissionadas pelo Art on the Underground para a estação de metrô Battersea, Northern Line Extension, Londres (2021); por Samuels & Associates, Pierce Boston Collection, Boston (2017); pelo MCA Chicago, parte do Plaza Project (2015), e pelo Rochaverá Corporate Towers, em São Paulo (2015).

Importantes coletivas dos últimos dez anos incluem: Contemporary Sculpture Fulmer, Buckinghamshire village of Fulmer, Inglaterra (2019); Abstracción Textil, Galería Casas Riegner, Bogotá (2018); Everyday Poetics, Seattle Art Museum, Seattle (2017); Histórias da Sexualidade, MASP, São Paulo (2017); Soft Power, The Institute of Contemporary Art, Boston (2016); Brazil, Beleza?! Contemporary Brazilian Sculpture, Museum Beelden aan Zee, Haia (2016); British Art Show 8, Leeds Art Gallery, Leeds (2015); Cruzamentos – Contemporary Art in Brazil, Wexner Center for the Arts, Columbus (2014); When Attitudes Became Form Become Attitudes, Museum of Contemporary Art Detroit (2013); 30ª Bienal de São Paulo (2012).

Possui trabalhos nas coleções Tate Modern, Inglaterra; Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte, Brasil; Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil; CIFO Coleção Cisneros, Miami, EUA; Coleção Zabludowicz, Inglaterra; Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil; FAMA, Itu, Brasil.



SOUND I, 2016
Tecido, conchas, tela
200 x 130 x 22 cm
USD 49.000

SLIT V, 2014
Chapéu de feltro, lona, acrílico, linho
51 x 41 x 10 cm
USD 21.000

A L L A N G H A N D I

ALLAN GHANDI

Vive e trabalha em São Paulo, Brasil.

Allan Gandhi é um artista visual radicado em São Paulo. Sua prática artística é centrada na pintura e no desenho. Desde 2019, seus trabalhos têm sido apresentados em exposições coletivas, além de publicações especializadas.

PONTE, 2023
Óleo sobre tela
40 x 50 cm
R$8.000,00

LABIRINTITE CINTILANTE, 2024
Óleo sobre tela
40 x 30 cm
R$ 7.500

A N T O N I O D I A S

ANTONIO DIAS

1944, Campina Grade, Brasil.
2018, Rio de Janeiro, Brasil.

Antonio Dias (n. 1944, Campina Grande, Brasil - m. 2018, Rio de Janeiro, Brasil) iniciou sua carreira na década de 1960, produzindo obras marcadas pelo conteúdo de crítica política na forma de pinturas, desenhos e assemblages típicas do Neofiguralivismo e da Pop Art brasileiros, o que lhe rendeu o rótulo de representante da Nova Figuração brasileira. No entanto, sua prática dialoga também com o legado do movimento concretista e com impulso revolucionário da Tropicália. A partir de 1966, ao se auto-exilar em Paris, após críticas sutis à ditadura militar brasileira, o artista entrou em contato com nomes do movimento de vanguarda italiano 'Arte Povera', entre eles Luciano Fabro e Giulio Paolini. Nesse contexto europeu, voltou-se cada vez mais para a abstração, transformando seu estilo.

Em seguida, Dias partiu para a Itália e adotou uma abordagem conceitual, criando pinturas, vídeos, filmes, registros e livros de artista, utilizando cada uma dessas mídias para questionar o sentido da arte. Ao abordar o erotismo, o sexo e a opressão política de forma lúdica e subversiva, construiu uma obra ímpar e conceitual, dotada de sofisticação formal e permeada por questões políticas e críticas contundentes ao sistema da arte. Na década de 1980, voltou novamente sua atenção à pintura, realizando experimentos com pigmentos metálicos e minerais – como ouro, cobre, óxido de ferro e grafite – misturados a aglutinantes diversos. A maioria de suas obras desse período apresenta brilho metálico e contém grande variedade de símbolos – ossos, cruzes, retângulos, falos –, que remetem às suas primeiras produções.

Suas obras foram apresentadas em mais de uma centena de exposições individuais e coletivas nas mais importantes instituições do mundo.

THE ILLUSTRATION OF ART, 1973/1989
Álquidia s/ masonite - óleo sobre madeira
90 x 60 cm
R$ 650.000

C A I O C A R P I N E L L I

CAIO CARPINELLI

1993, São Paulo. Vive e trabalha em São Paulo.

As pinturas de Carpinelli encontram grande inspiração na maneira metafísica de pintar, na qual ele transforma o preto de uma simples tonalidade a uma fonte dinâmica de iluminação. Em seu trabalho, o preto não simboliza escuridão, mas se torna um canal ativo para a luz. Suas pinturas desafiam os conceitos convencionais de cor, apresentando superfícies que refletem, absorvem e interagem com a luz de maneiras que desafiam a percepção do espectador. Através da interação entre textura e profundidade, desenhando e distorcendo a percepção, as obras de Carpinelli convidam ao engajamento visual e despertam a imaginação à medida que o preto se transforma em várias tonalidades que evocam uma qualidade luminosa, quase transcendente.

Cada obra serve como uma investigação inovadora sobre o potencial ilimitado da pintura, ampliando os limites da linguagem abstrata em direção à espiritualidade. Esta observação destaca como o estilo minimalista de Carpinelli provoca fortes reações emocionais por meio de suas decisões artísticas refinadas, porém impactantes.

SEM TÍTULO, 2016
Óleo sobre tela
162.9 x 121.9 cm
R$ 35.000

D A N I E L M E L L O

DANIEL MELLO

1992, Joaçaba, Santa Catarina.
Vive e trabalha em São Paulo.

Daniel Mello, nascido em 1992 em Joaçaba, Santa Catarina. Formou-se em design gráfico em 2019 pela Universidade do Vale do Itajaí. Vive e trabalha em São Paulo. Desde 2017 vem participando de coletivas em instituições e galerias de arte nacionais. Em 2021 foi contemplado para o 17º Salão de Arte de Guarulhos, em 2022 para o 19 Programa Exposições do Museu de Arte de Ribeirão Preto, e no mesmo ano, para o Salão de Arte de Ribeirão Preto (SARP), também no MARP.

Sua pesquisa se desenvolve na investigação de uma linguagem abstrata que se desenvolve principalmente na pintura, onde a poética é criada por uma relação e desierarquização entre as marcas acidentais e ruídos presentes na superfície da tela e as inscrições do artista.
Em suas pinturas mais recentes, camadas de tinta são sobrepostas utilizando principalmente o bastão de óleo como ferramenta. A materialidade intrínseca do bastão de óleo, permite ao artista radicalizar e utilizar o ruído como campo de exploração de novas possibilidades.

CÉU SEM ESTRELAS, 2023.
Óleo e bastão a óleo sobre tela.
160 x 120 cm
R$ 18.200

ALGUMA COISA SOBRE O TEMPO, 2023
Óleo sobre tela
180 x 150 cm
R$ 21.450

SEM TÍTULO, 2024
Bastão de óleo e acrílica sobre tela
160 x 130 cm
R$ 19.500

D I E G O C R U X
Rua Turi
173 a 213

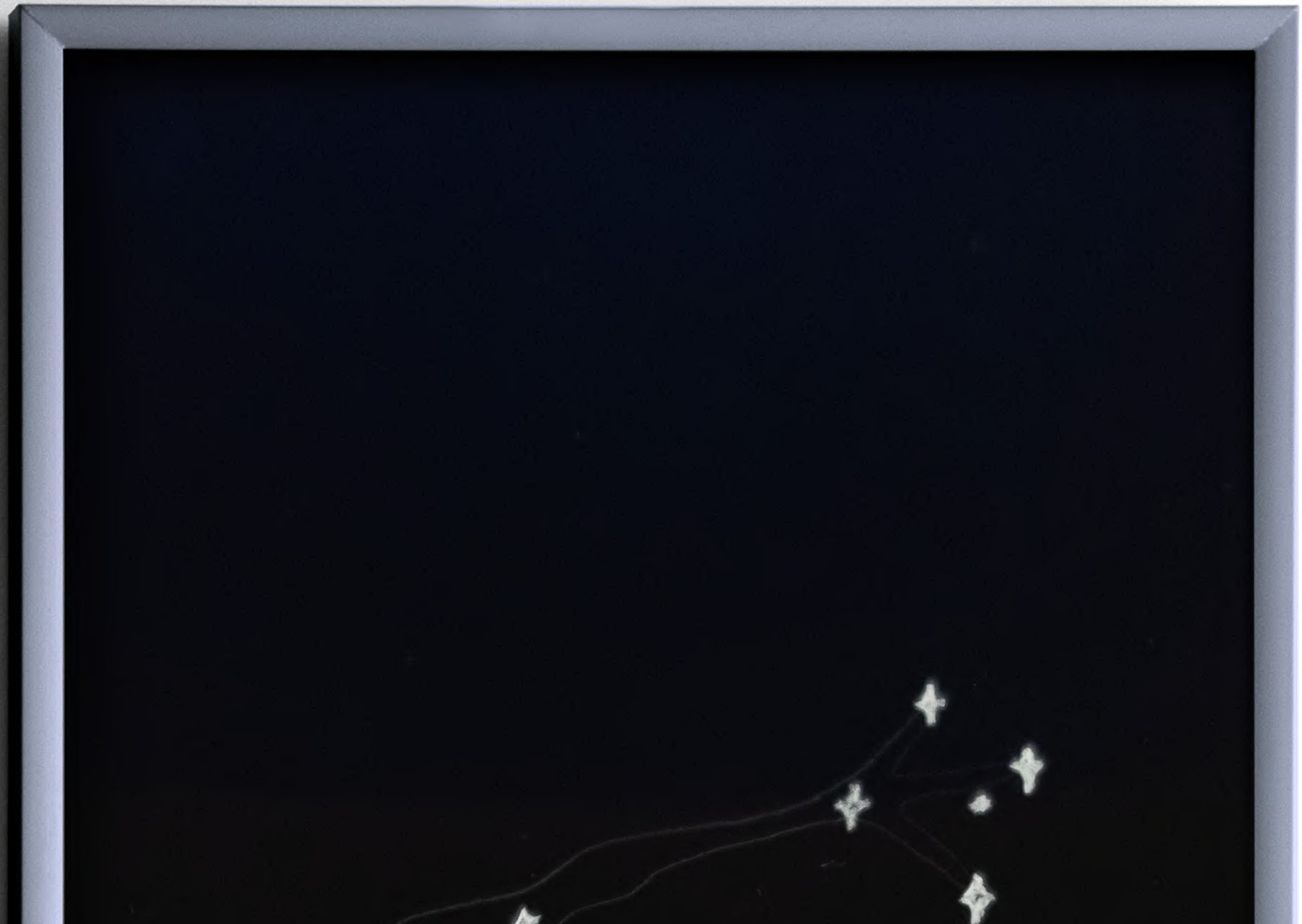
DIEGO CRUX

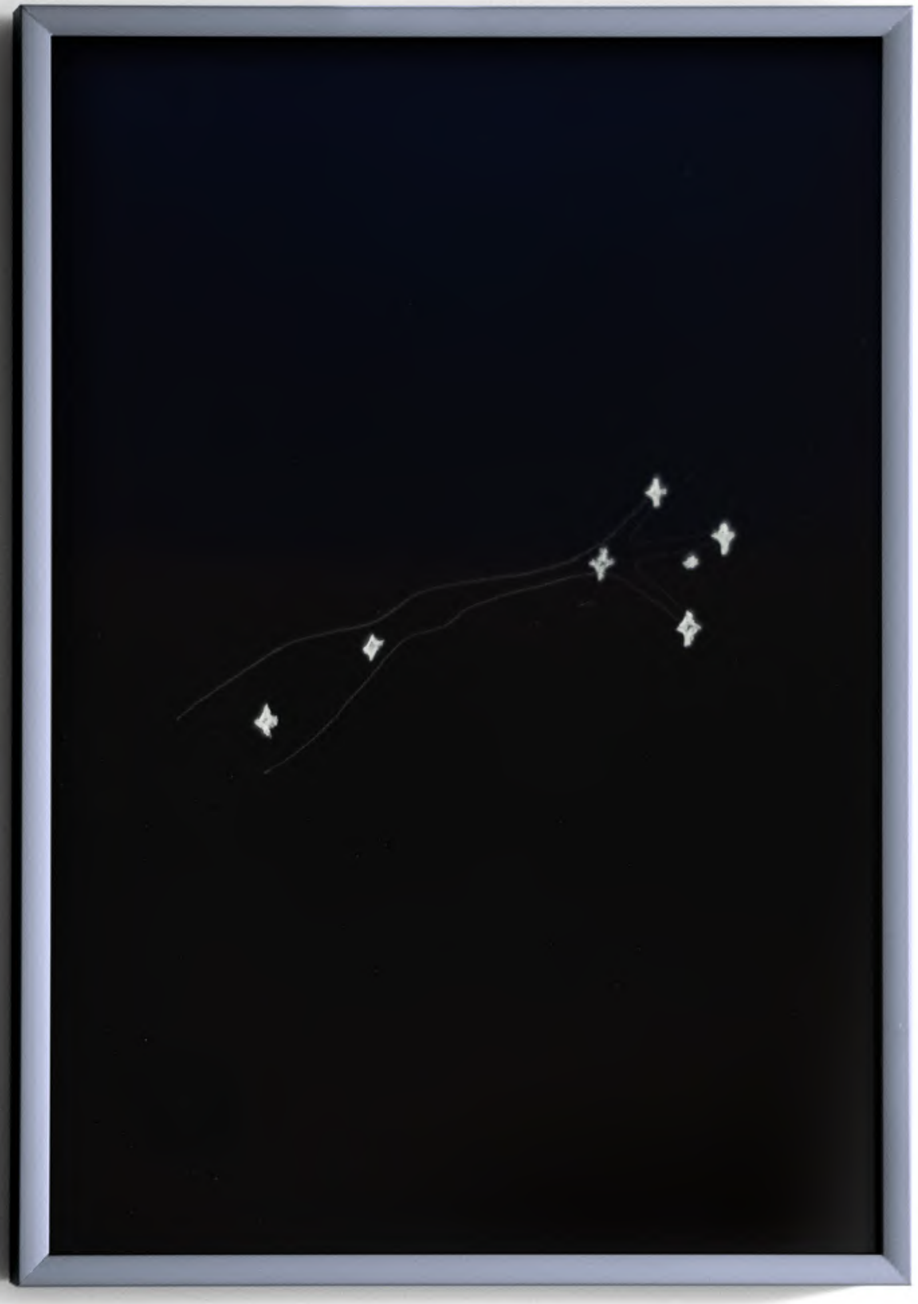
1987, Parada de Taipas, São Paulo.

Quase-artista nascido e criado na borda, em Parada de Taipas, hoje vive no centro. Trampa com artes entre outros por diversos lugares. Neto de Rosa e Esmeraldo, é da cor que lembra a memória. Pesquisa convocações íntimas e pessoais, vivências coletivas, representação, identidade e os limites, incógnitas e contradições nesses cruzos. Imagina e constrói. Questiona e revisa.

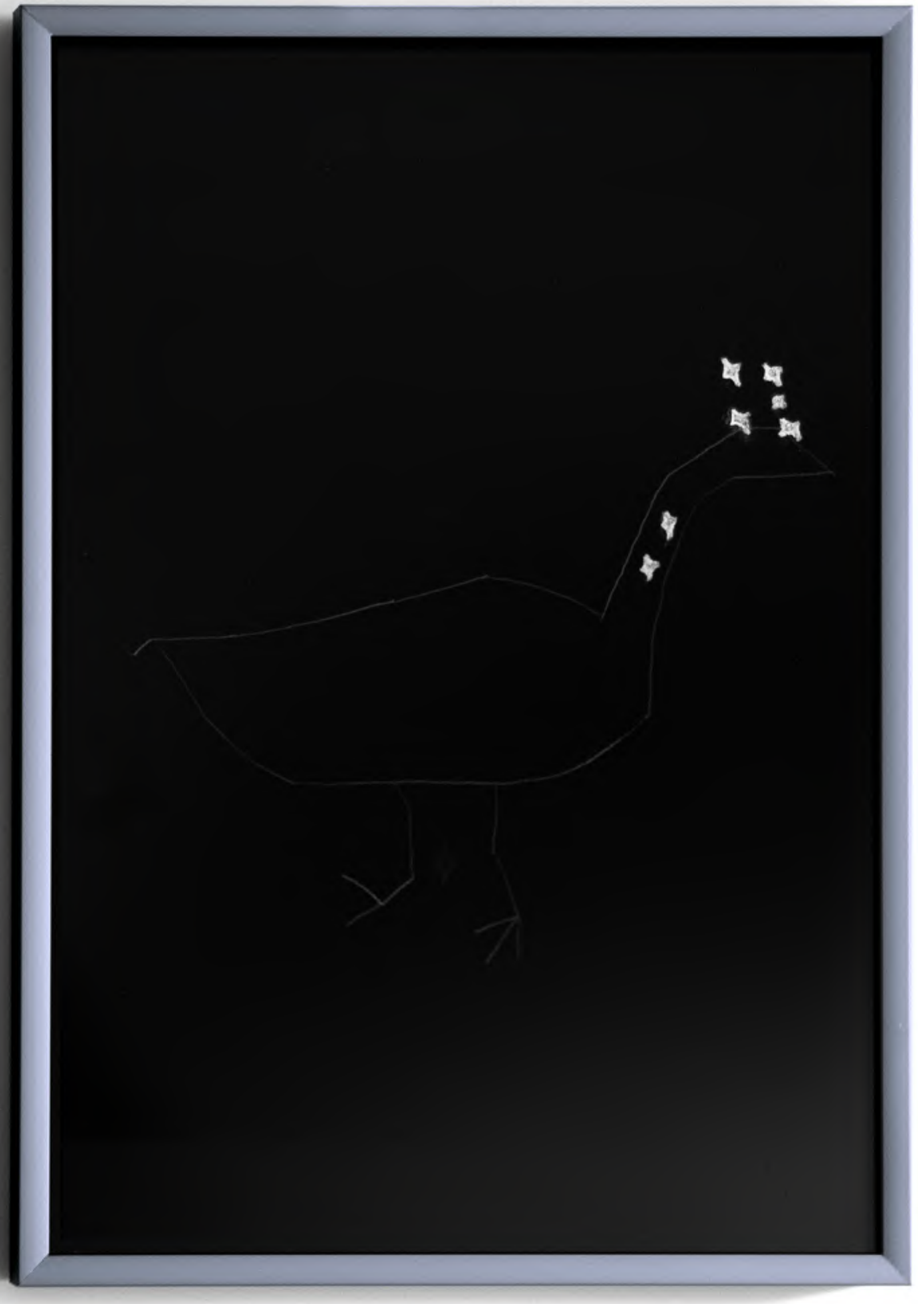
Usa variados meios em seus processos, como apropriação, fotografia, vídeo, design, samples visuais, palavra, etc.

Entre as exposições e mostras de que participou estão: Ser Feliz é a Nossa Revolução (Museu Afro, 2024), Dos Brasis (SESC Belenzinho, 2023 / SESC Quitandinha, 2024), A(U)TO1 – Contra Cogente (CCSP, 2023), Edição #35 aarea (aarea.co, 2021), If A Tree Falls In A Forest (Les Rencontres d'Arles, França, 2021), Kwenda Mbele Siyo Kufika, (Centro Cultural SESI, 2020) e CHALE WOTE (Accra, Gana, 2019). Além das residências do Pivô Pesquisa (2020), do MAM Rio (2021) e do Goethe-Institut Bahia (2023).
Tem textos publicados pelo MAM Rio (2021) e pela Revista Rosa (2022).





SEM TÍTULO #2
SÉRIE TUDO O QUE BRILHA NO SUL DO
CÉU É UM INFINITO ESCURO, 2023-ongoing
Desenhos em grafite, giz e cal
sobre papel curious skin black
21 x 30 cm
R$ 4.350



SEM TÍTULO #5
SÉRIE TUDO O QUE BRILHA NO SUL DO
CÉU É UM INFINITO ESCURO, 2023-ongoing
Desenhos em grafite, giz e cal
sobre papel curious skin black
21 x 30 cm
R$ 4.350

SEM TÍTULO #6
SÉRIE TUDO O QUE BRILHA NO SUL DO
CÉU É UM INFINITO ESCURO, 2023-ongoing
Desenhos em grafite, giz e cal
sobre papel curious skin black
21 x 30 cm
R$ 4.350

EMMANUEL NASSAR

EMMANUEL NASSAR

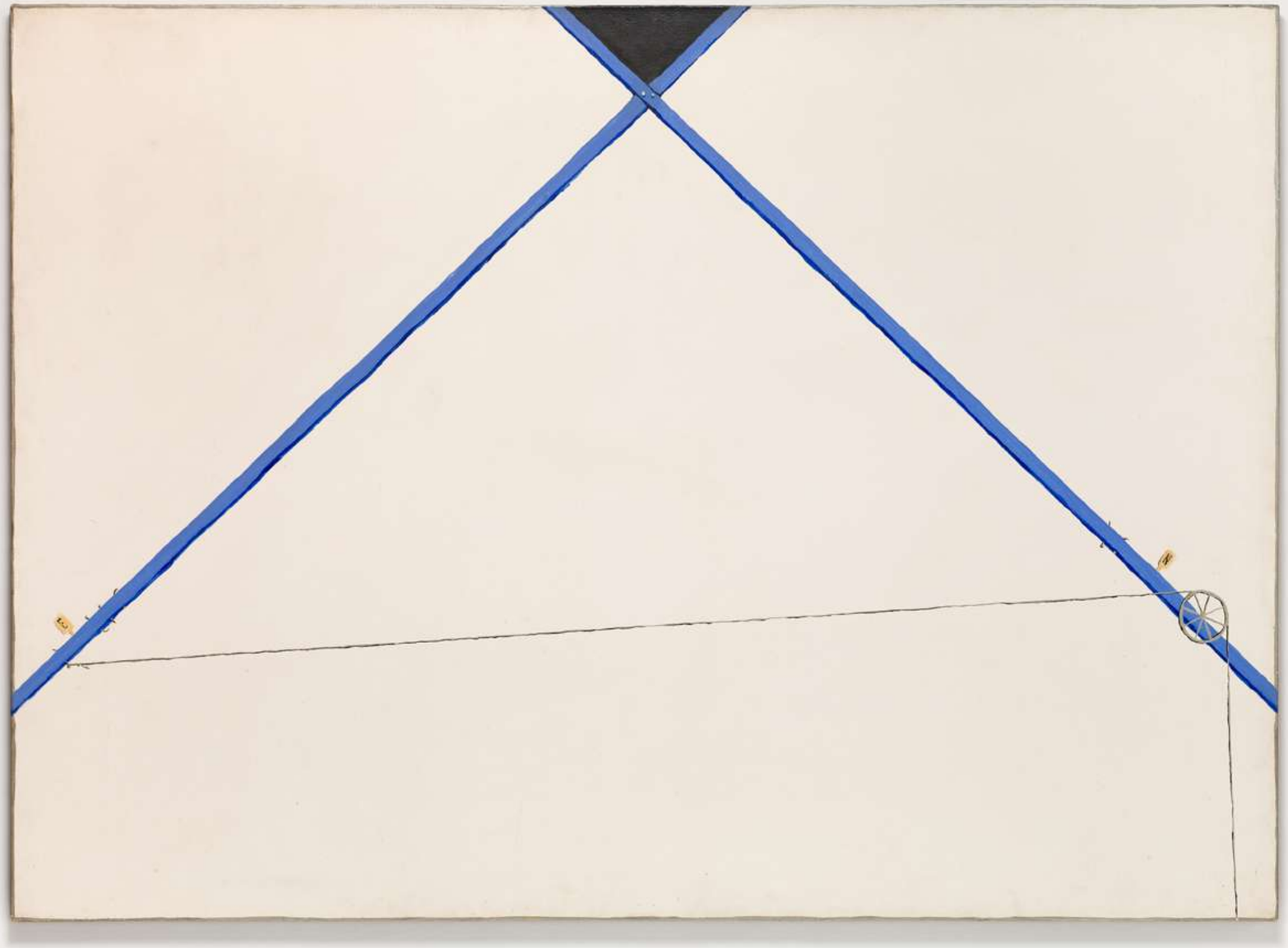
1989, São Paulo, Brazil.
Lives and works between
Roubaix and São Paulo.

A obra de Emmanuel Nassar coloca-se essencialmente por meio da pintura e do amálgama de distintos suportes, que incluem tela, madeira, vidro e chapas metálicas. O artista apropria signos e técnicas que abarcam o universo popular e correntes da arte contemporânea, notadamente a arte pop e o concretismo. Com certa ironia, sua obra evoca noções de uma precariedade industrial, que, ao mesmo tempo, enaltece as soluções e se posiciona criticamente em relação à realidade local.

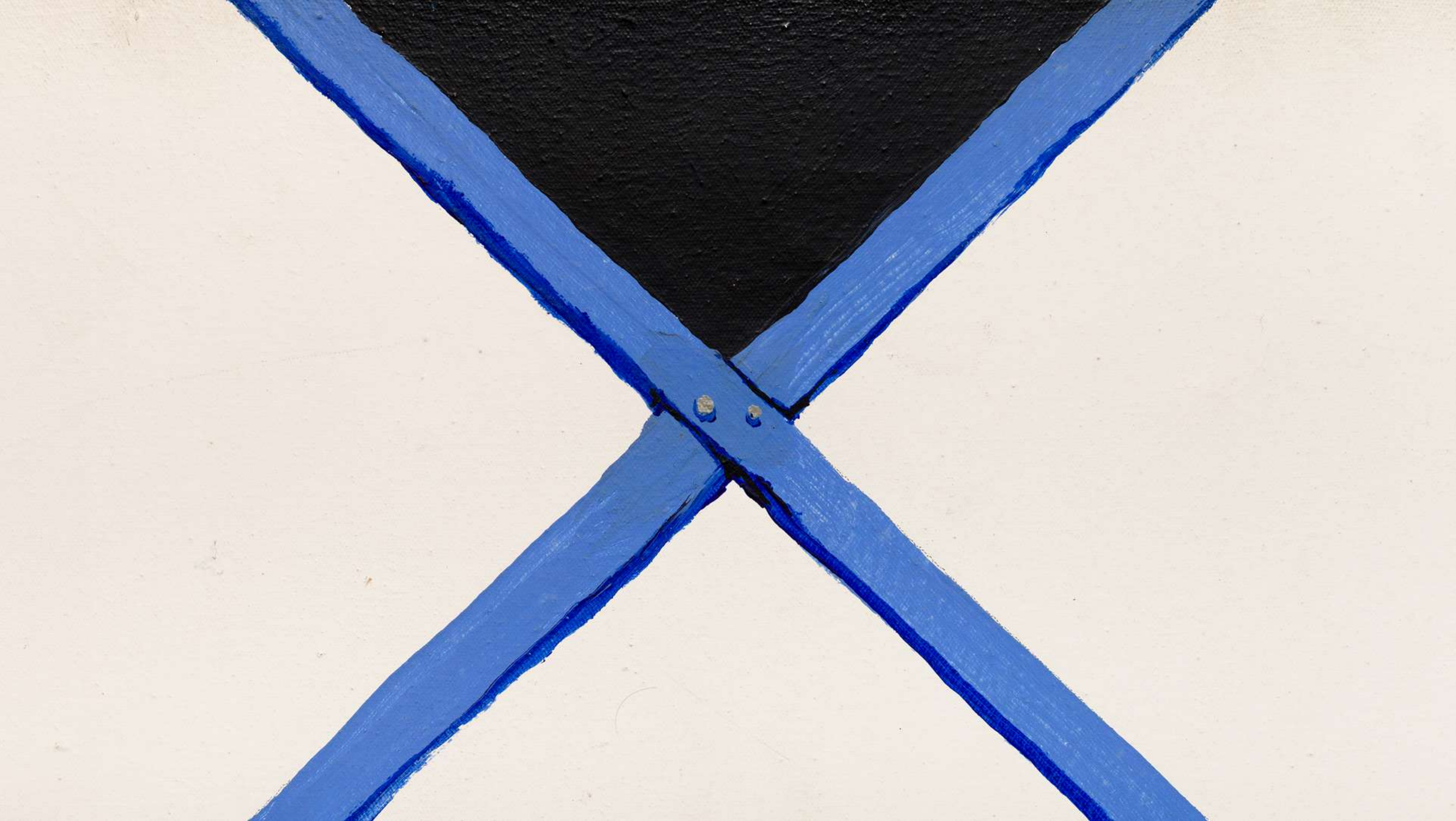
Nassar realizou as mostras retrospectivas Lataria Espacial, no Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro (2022); EN: 81-18, na Estação Pinacoteca, São Paulo (2018); A Poesia da Gambiarra, no Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro e Brasília (2003). Realizou, ainda, dezenas de exposições individuais em instituições como: MAM, São Paulo (2024 e 1998); Museu Castro Maya, Rio de Janeiro (2013); Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, Rio de Janeiro (2012); Centro Universitário Maria Antônia, São Paulo (2009); e Instituto Tomie Ohtake, São Paulo (2003).

Emmanuel Nassar representou o Brasil na 45ª Bienal de Veneza (1993) e participou da Bienal de São Paulo (1998 e 1989) e de diversas edições do Panorama da Arte Atual Brasileira (1993, 1989 e 1980) no MAM, São Paulo. Também destacam-se suas participações nas mostras: I Bienal das Amazônias, Belém, Brasil (2023); Potência e Adversidade, Pavilhão Branco e Pavilhão Preto, Campo Grande, Lisboa, Portugal (2017); 8ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2011); 6ª Bienal Internacional de Estandartes, Tijuana, México (2010); Fotografia Brasileira Contemporânea, Neuer Berliner Kunstverein, Berlim, Alemanha (2006); Brasil +500: Mostra do Redescobrimento, Fundação Bienal de São Paulo, Brasil (2000); 6ª Bienal de Cuenca, Equador (1998); U-ABC, Stedelijk Museum, Amsterdã, Holanda (1989); 3ª Bienal de Havana, em Cuba (1989).

Suas obras integram coleções como a Colección Patricia Phelps de Cisneros, Nova York, EUA, e Caracas, Venezuela; Museu de Arte Moderna de São Paulo, São Paulo; MASP – Museu de Arte de São Paulo, São Paulo; Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro; Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro; Museu de Arte Contemporânea de Niterói; Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto e Essex Collection of Art from Latin American, Inglaterra.



SEM TÍTULO, 1997
-
130 x 180 cm
R$ 80.000



E N O R Ê

ENORÊ

b. 1992, Rio de Janeiro, Brasil.
Vive e trabalha em Londres.

Enorê é artista visual com graduação em Pintura pela EBA-UFRJ e mestrado em Fine Arts pela Goldsmiths, University of London. Sua produção investiga as relações entre o virtual, o temporal e a materialidade através da argila e tecnologia 3D. É residente na Somerset House Studios, em Londres, com bolsa disponibilizada pela Jerwood Foundation, e recentemente foi recipiente da bolsa de desenvolvimento artístico Developing your Creative Practice, do Arts Council England.

Enorê investiga as relações entre o virtual, o temporal e a materialidade através da argila e tecnologia 3D. Utilizando primariamente impressão 3D em cerâmica, o artista usa a argila como catalisadora para entender como elementos digitais podem ser mediados por meio de processos físicos, com interesse específico na potencialidade da argila como material pervasivo e intrinsecamente temporal.

Interessa-se pela fluidez entre múltiplas dimensionalidades da matéria, digital ou além; pensando na reconfiguração do corpo virtual como resquícios que transbordam temporalidades, materializando digitalidades passadas e futuras, visando uma nova existência em barro. É artista visual com graduação em Pintura pela EBA-UFRJ e mestrado em Fine Arts pela Goldsmiths, University of London.

THEY'RE ALL YOU, 2023
Cerâmica de alta temperatura e esmalte
17 x 16 x 12 cm
R$ 30.000

SEM TÍTULO (MÃO), 2023
Cerâmica de alta temperatura
impressa em 3D e esmalte
15 x 10 x 9 cm
R$ 14.000

FRIO AO TOQUE, 2023
Cerâmica de alta temperatura e esmalte
22 x 19 x 15 cm
R$ 18.000

F L O R A L E I T E

FLORA LEITE

1988, São Paulo, Brasil.
Vive e trabalha em São Paulo.

Flora Leite (1988) é artista e pesquisadora. Transita por espaços independentes e institucionais, propondo trabalhos, textos e debates. Desenvolve estratégias para investigar a materialidade do mundo e de seu próprio campo de trabalho. Perguntando quais histórias e ficções os objetos e espaços carregam, produz subterfúgios de observação e negociação de sentido, nos espaços de arte e fora deles.

Embora sua trajetória tenha começado de modo bastante tradicional – através de editais de salões e programas de exposições, em instituições como Tomie Ohtake (2010), Instituto de Arte Contemporânea (2010) e Museu de Arte de Ribeirão Preto (2010; 2015) –, espaços independentes logo se tornaram um solo de produção fértil. Após apresentar sua pesquisa em alguns deles, assumiu o papel de produtora no. Aurora (2014-2016) e no Intervalo-Escola (2016), e de gestora no Ateliê397 entre 2017 e 2018. Essas experiências ampliaram sua atuação enquanto artista, e desde então vem organizando programas públicos, como Trela (Ateliê397, 2018) e Mulheres na Arte Contemporânea (CPF/SESC, 2020-2021), e também participando de diversos debates, focados sobretudo em questões laborais no meio artístico (Pivô Arte e Pesquisa, 2020). Seus trabalhos estão nos acervos do MARP e do CCSP, e em coleções particulares. Em 2022, terminou seu mestrado em Poéticas Visuais na ECA-USP e participou no programa Casa-Escola, sediado na Casa do Povo. Atualmente participa do programa de pesquisa da Coleção Moraes-Barbosa. Vive e trabalha em São Paulo.

CARAMINHOLAS, 2024

H É L I O O I T I C I C A

HÉLIO OITICICA

1937, Rio de Janeiro, Brasil.
1980, Rio de Janeiro, Brasil.

Nascido no Rio de Janeiro em 1937, Hélio Oiticica iniciou seus estudos artísticos no MAM Rio como aluno do Curso Livre de Pintura de Ivan Serpa, em 1954. A princípio, suas obras dialogavam com as experiências concretistas da época.

O artista participou do Grupo Frente, entre 1955 e 1956, e foi um dos signatários do Manifesto Neoconcreto, em 1959. Também integrou a Nova Objetividade Brasileira, e com os três grupos participou de exposições históricas no MAM Rio. A partir daí, Oiticica estabeleceu o corpo como motor de sua obra, que se abriu também para o contexto da rua e do cotidiano, apontando para uma relação entre arte e vida.

Para ele, o espectador era, na verdade, um participador colocado para circular e vivenciar o espaço, deixando de lado a postura contemplativa diante da obra de arte. Nesse período, o artista criou alguns de seus trabalhos mais importantes, como os Bilaterais, Relevos Espaciais, Núcleos, Penetráveis e Bólides.

Em 1964, Oiticica passou a frequentar a Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, no Rio de Janeiro, onde se tornou passista –um divisor de águas na vida e na obra do artista. A atividade o fez aprofundar suas reflexões sobre experiências estéticas para além das artes visuais, bem como das artes plásticas tradicionais, incorporando relações corporais e sensíveis ao seu trabalho através da dança e do ritmo.

Em 1965, Oiticica participou da exposição Opinião 65, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, considerada um marco na história da arte brasileira. Foi a primeira vez que ele apresentou os Parangolés. As capas foram usadas pelo artista e por sambistas e instrumentistas da Mangueira, que chegaram ao MAM Rio em uma espécie de “procissão-festiva”. Impedidos de entrar, realizaram a “obra festa” na parte externa do museu. Dois anos depois, em 1967, Oiticica voltou ao MAM Rio na exposição “Nova Objetividade Brasileira” e apresentou o penetrável Tropicália cujo percurso, segundo o artista, lembrava muito as caminhadas pelo morro. Experimental e crítica, a obra inspirou o nome do disco de Caetano Veloso e Gilberto Gil de 1968 e do importante movimento artístico e cultural liderado pelos baianos.

Naquele mesmo ano, no período mais duro da ditadura militar no Brasil, Caetano exibiu a bandeira “Seja marginal seja herói”, de autoria de Oiticica, em um show na boate Sucata, no Rio de Janeiro. A bandeira foi apreendida e o espetáculo interditado pela Polícia Federal. Em 1969, o artista teve sua primeira inserção internacional: uma exposição individual Whitechapel experience na Galeria Whitechapel em Londres, com curadoria do crítico Guy Brett. Nos anos seguintes ele expôs também no Museu de Arte Moderna de Nova York, na Rhode Island University e no evento coletivo Latin American Fair of Opinion, na Saint Clement’s Church de Nova York.

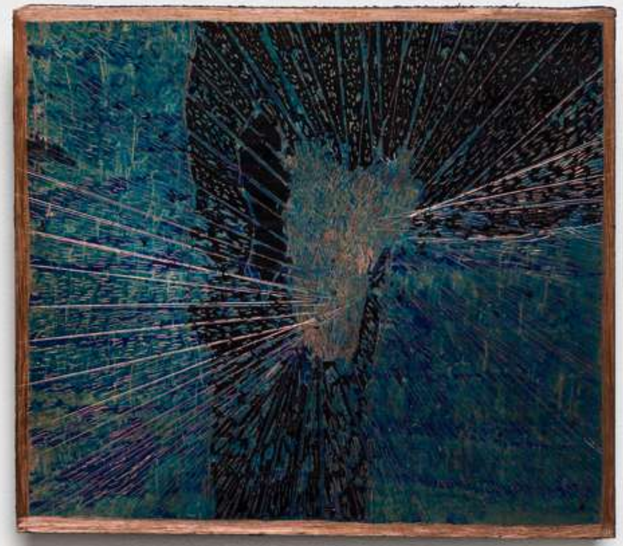
SEJA MARGINAL, SEJA HERÓI, 1989
85 cm x 114,5 cm x 3 cm
R$ 130.000

J A N A I N A W A G N E R

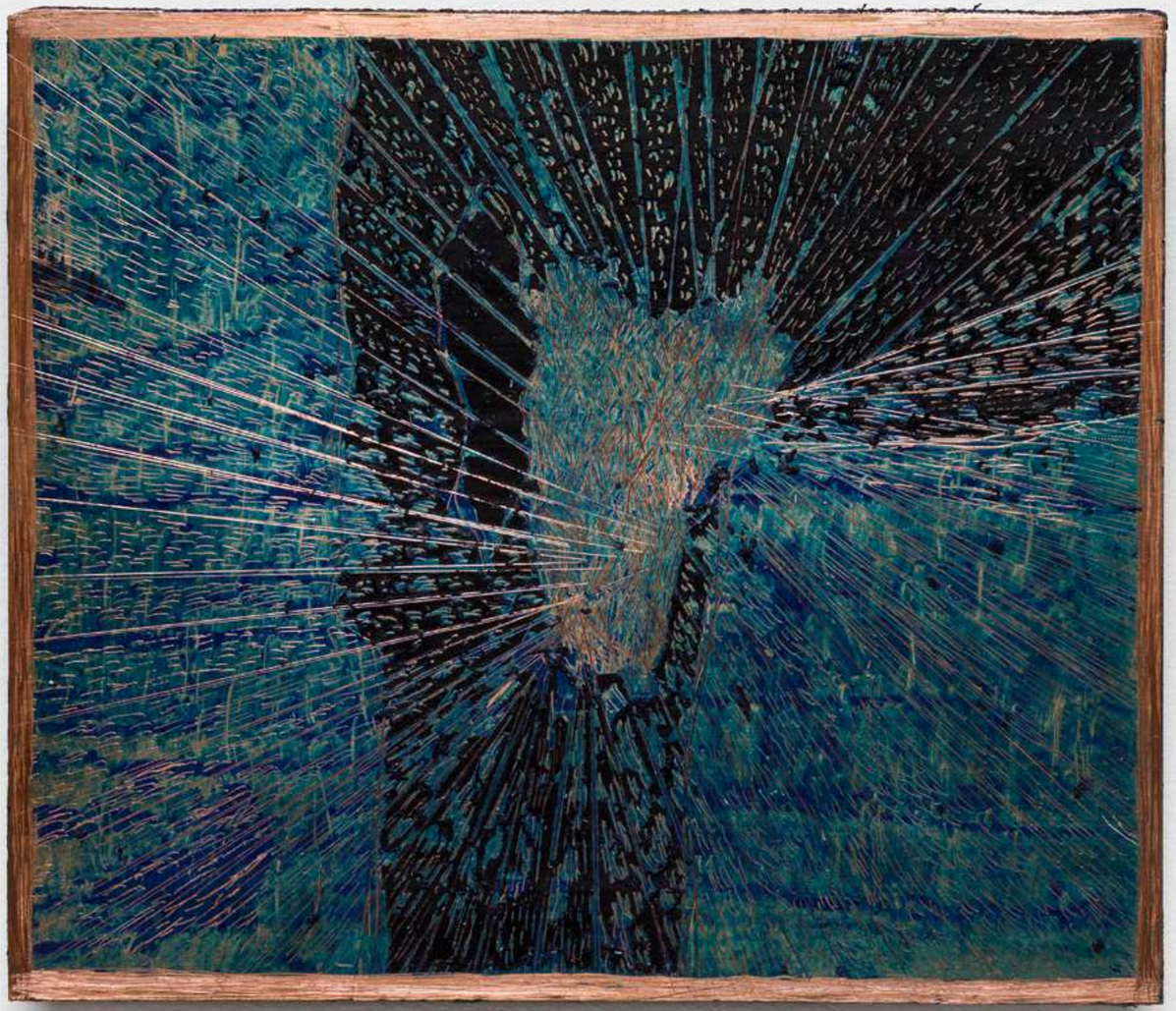
JANAINA WAGNER

1989, São Paulo, Brasil.
Vive e trabalha entre
Roubaix e São Paulo.

Janaina Wagner desenvolve suas pesquisas em diversas mídias, como filmes, fotografia, livros, desenho, instalações, cenografia e pintura. O ponto nevrálgico de seu trabalho são as relações de limite, controle e contenção que o humano estabelece com o mundo. Atualmente doutoranda no Le Fresnoy-Studio National des Arts Contemporains (FR), Wagner participou de diversas residências artísticas, como Gasworks (EN), FID Campus – Festival International de Cinema de Marseille (FR), Bolsa Pampulha (MG), Red Bull Station (SP), Phosphorus (SP), Casa Tomada (SP), Anarcademia, (W139, Amsterdã) e NES Skagaströnd, na costa rural da Islândia. Dentre as principais exposições, destacam-se as individuais With burning love – (Villa Belleville, Paris), Criatura (Oficina Cultural Oswald Andrade, SP), e Decupagem/ Crônica de um final anunciado (MARP, SP); e as coletivas Ensaio de Tração – Pinacoteca do Estado de São Paulo, 10 Semana de Cinema do Rio de Janeiro, Bestiário – Centro Cultural São Paulo – CCSP, Permanências e Destruições – Torre H (RJ), Hipótese e Horizonte – Observatório (SP), 4o Prêmio EDP nas Artes – Instituto Tomie Ohtake (SP). Janaina vive e trabalha entre São Paulo e Paris.



CINEMA CAVERNA (DA SÉRIE DE STORYBOARDS), 2024
Óleo sobre cobre gravado
15 x 12 cm - Díptico
R$ 17.000



L U C I A L A G U N A

LUCIA LAGUNA

1941, Campos dos Goytacazes, Brasil.

Na obra de Lucia Laguna, elementos reconhecíveis – folhagem, mobiliário, comida, animais – convivem com linhas e cores justapostas, em gestos calculados que compõem paisagens e interiores em planos fraturados. As formas que preenchem suas telas parecem incompletas, nascendo do acúmulo e do apagamento de camadas de tinta. Como as vistas suburbanas cariocas que a artista encontra da janela de seu ateliê em São Francisco Xavier, na zona norte do Rio de Janeiro, suas telas são permeadas por um impulso construtivo que faz amplo uso de ângulos e linhas retas, associadas por ela às linhas viárias da cidade. Suas formas espraiam-se em uma arquitetura fluente, entre interferências espontâneas e rasuras como terrenos baldios surgindo nos campos de cor.

PAISAGEM Nº6, 2007
Acrílica e óleo sobre tela
170 x 170 cm
R$ 450.000

L Y Z P A R A Y Z O

LYZ PARAYZO

1994, Rio de Janeiro, Brasil.
Vive e trabalha entre
Rio de Janeiro e Paris.

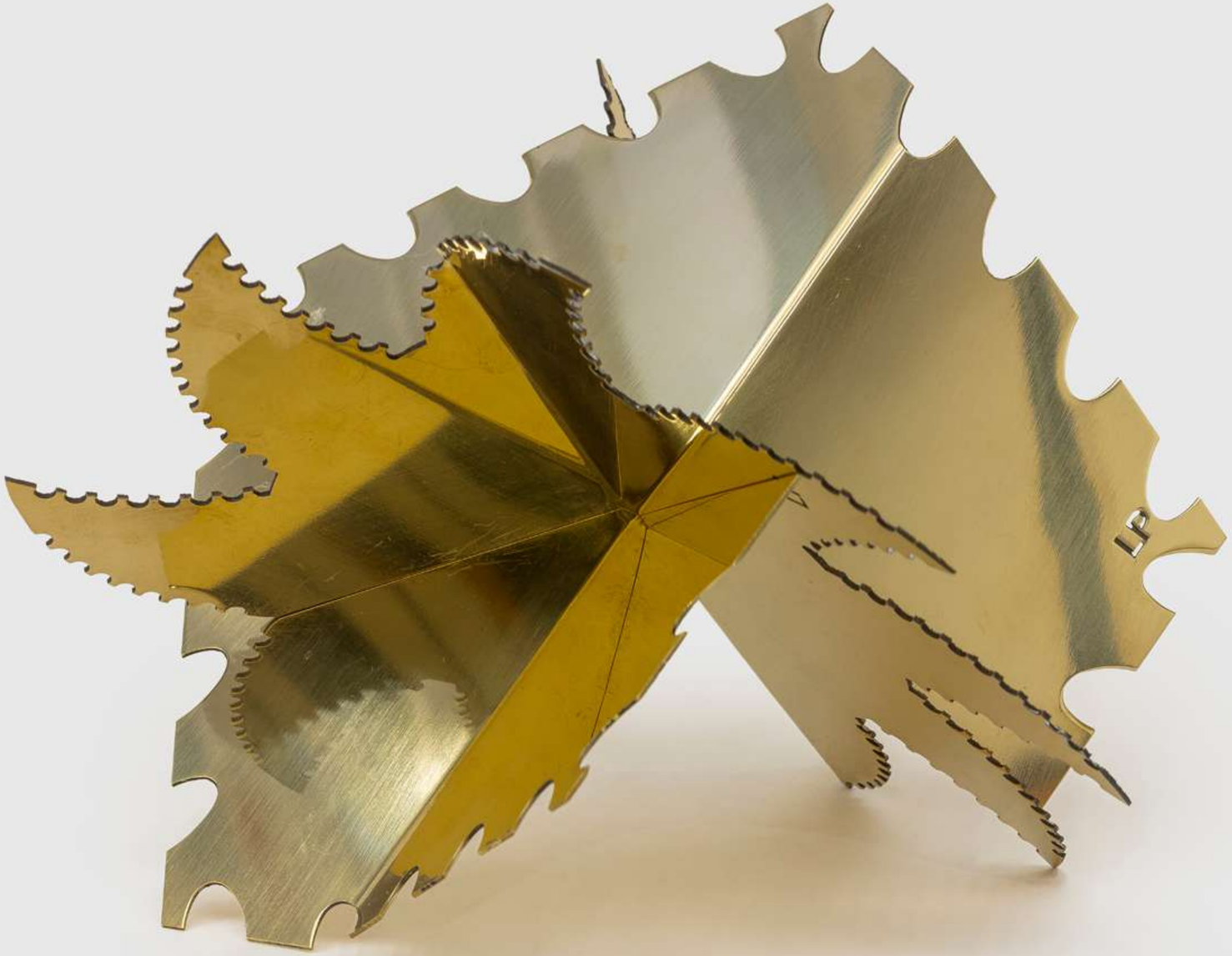
Lyz Parayzo é uma mulher transexual que atualmente vive entre Paris e São Paulo.

“Os diversos sentidos do termo “jogar”, como o ato de participar de um jogo, fornecem um ponto de entrada para o trabalho, pesquisa e ativismo político da artista multidisciplinar Lyz Parayzo. Desde 2015, ela tem se baseado tanto em seu corpo dissidente quanto na história da arte latino-americana para enquadrar as dinâmicas de poder do mundo da arte e a exclusão histórica, que ela navega por meio do jogo.

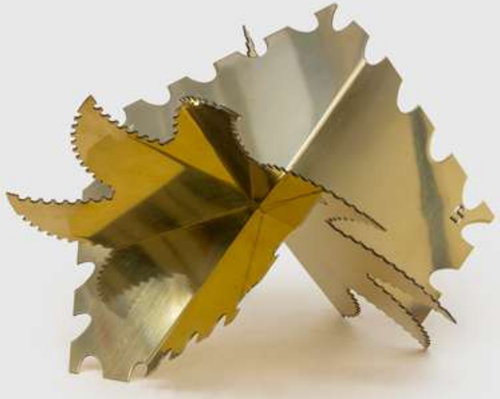
Nascida em uma comunidade de classe trabalhadora no Rio de Janeiro, Parayzo iniciou formalmente sua prática artística enquanto estudava e trabalhava como educadora na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, uma experiência que proporcionou um relato em primeira mão dos mecanismos do sistema de arte. Quando decidiu entrar no mundo da arte, adotou o pseudônimo Lyz Parayzo, derivado da palavra em português para paraíso. Com esse novo pseudônimo, ela ingressou no mundo da arte como se estivesse pronta para a guerra.

Inspirada por um livro que leu sobre as táticas de guerrilha propostas por artistas brasileiros para romper com a censura imposta pela ditadura militar dos anos 1970, Parayzo iniciou sua prática com ações de confrontação que interferiram em exposições e mobilizaram o público através do choque. Após um período de confronto com as políticas excludentes do mundo da arte, participando não oficialmente de uma série de exposições através de performances, ações disruptivas e distribuição de panfletos e fanzines, ela percebeu que prosperar no sistema de arte exigiria aprender a jogar junto com ele.

A história da arte brasileira não apenas inspirou as primeiras obras de Parayzo, mas continuou sendo um local de tensão. Ela visava produzir na interseção entre criar uma prática de referencialidade e encontrar maneiras de superá-la. Ao situar sua produção escultural em diálogo com as tendências da Arte Concreta, Neoconcreta e Cinética dos anos 1960, consideradas os pilares da arte latino-americana internacional, ela implantou de forma engenhosa uma estratégia do cavalo de Troia para hackear o sistema. Por um lado, sua manobra forneceu a gramática adequada para que sua presença fosse aceita em renomadas escolas de arte, como a École Nationale Supérieure des Beaux-Arts de Paris. Por outro lado, a presença de seu trabalho e identidade no mundo da arte brasileira perturbou os desequilíbrios de poder predominantes, oferecendo um campo de testes para seus mitos artísticos e totens.”



BIXINHA OURIÇO PENTAGONAL, 2022
Latão polido
25 x 25 x 25 cm
USD 8.000



M A R C E L O C I P I S

MARCELO CIPIS

1959, Brasil. Vive e trabalha em São Paulo, Brasil.

Com uma carreira de mais de 40 anos, Marcelo Cipis transita por diversas linguagens, entre pintura, desenho, colagem, instalação e escultura. Formado em arquitetura pela FAU-USP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, iniciou suas atividades como ilustrador editorial em 1977. Em 1982, viveu uma temporada decisiva na Europa, onde visitou diversos museus que redirecionaram seu olhar e mudaram sua relação com a pintura.

De volta ao Brasil, desenvolveu sua prática ao lado de Dudi Maia Rosa (1946). Em 1987 e 1988, realizou suas primeiras exposições individuais na Fundação Cásper Líbero e na Galeria Documenta, em São Paulo. Participou da 20ª Bienal Internacional de São Paulo (1989) com a sala coletiva Arte em jornal e, em 1991, da 21ª edição do evento com a instalação Cipis Transworld, Art, Industry & Commerce, onde criou um estande de uma empresa multinacional fictícia. Participou da 4ª e 5ª edições da Bienal de Havana (1991 e 1994). Como ilustrador, ganhou o Prêmio Jabuti, em 1994, pela capa do livro Como Água para Chocolate, de Laura Esquivel, publicado pela Editora Martins Fontes.

Cipis é um artista versátil – ainda que o seu principal suporte seja o papel e a tela, não se deixa limitar pela superfície, buscando nos materiais múltiplas possibilidades. Também possui uma vasta experiência como escritor e ilustrador de livros. Em 1998, realizou a exposição individual Marcelo Cipis: desenhos, na Casa Triângulo. Desde os anos 2000, quando ganhou o importante prêmio da Fundação Pollock-Krasner em Nova York, expôs suas obras em galerias e instituições pelo mundo.

Entre suas exposições recentes, destacamos as individuais Enjoy, na Bergamin & Gomide (São Paulo, 2021); A Maravilhosa Cipis Transworld, na Spike Art Quarterly (Berlim, 2017) e Marcelo Cipis & Thomaz Rosa, na BFA Boatos Fine Arts (Milão, 2016), além de sua participação na 14ª Bienal de Curitiba, em 2019, com pinturas da série Drops.

BLUR 2, 2024
Óleo sobre tela
70 x 50 cm
R$ 24.000

BLUR 5, 2024
Óleo sobre tela
70 x 50 cm
R$ 24.000

M A T H E U S M E S T I Ç O

MATHEUS MESTIÇO

1987, Bocaiuva, Minas Gerais.
Vive e trabalha no Rio de Janeiro.

Artista autodidata, cresceu ao redor de festejos populares como a Folia de Reis e o Catopê em Minas Gerais e posteriormente o Boi de Parintins, durante parte da infância no Amazonas. Iniciou sua produção artística em 2014, com a intenção de resgatar sua ancestralidade afro-indígena.

A escolha de sua assinatura segue o fenótipo, mas também reivindica o lugar da mestiçagem como uma identidade étnico-racial brasileira pouco explorada. Sua pesquisa evoca elementos primitivos e subjetivos do encantamento popular, a partir dessas interseções diaspóricas. E que geralmente chegam pela contemplação e observação cotidiana da ação do Tempo e do movimento da Natureza diante das coisas, enquanto agentes propositivos das formas de encanto diários, forte fundamento para o desenvolvimento de seus trabalhos. O artista estabelece relações com outras concepções de Tempo, como mítico, circular e lógico.

E através de diferentes suportes, Mestiço desenvolve uma codificação intuitiva, recolhendo fragmentos e se apropriando de materiais que encontra ou garimpa, mas que essencialmente se conectam pela ação do Tempo, organizado em formas e constituindo assim, uma narrativa pictórica pessoal.

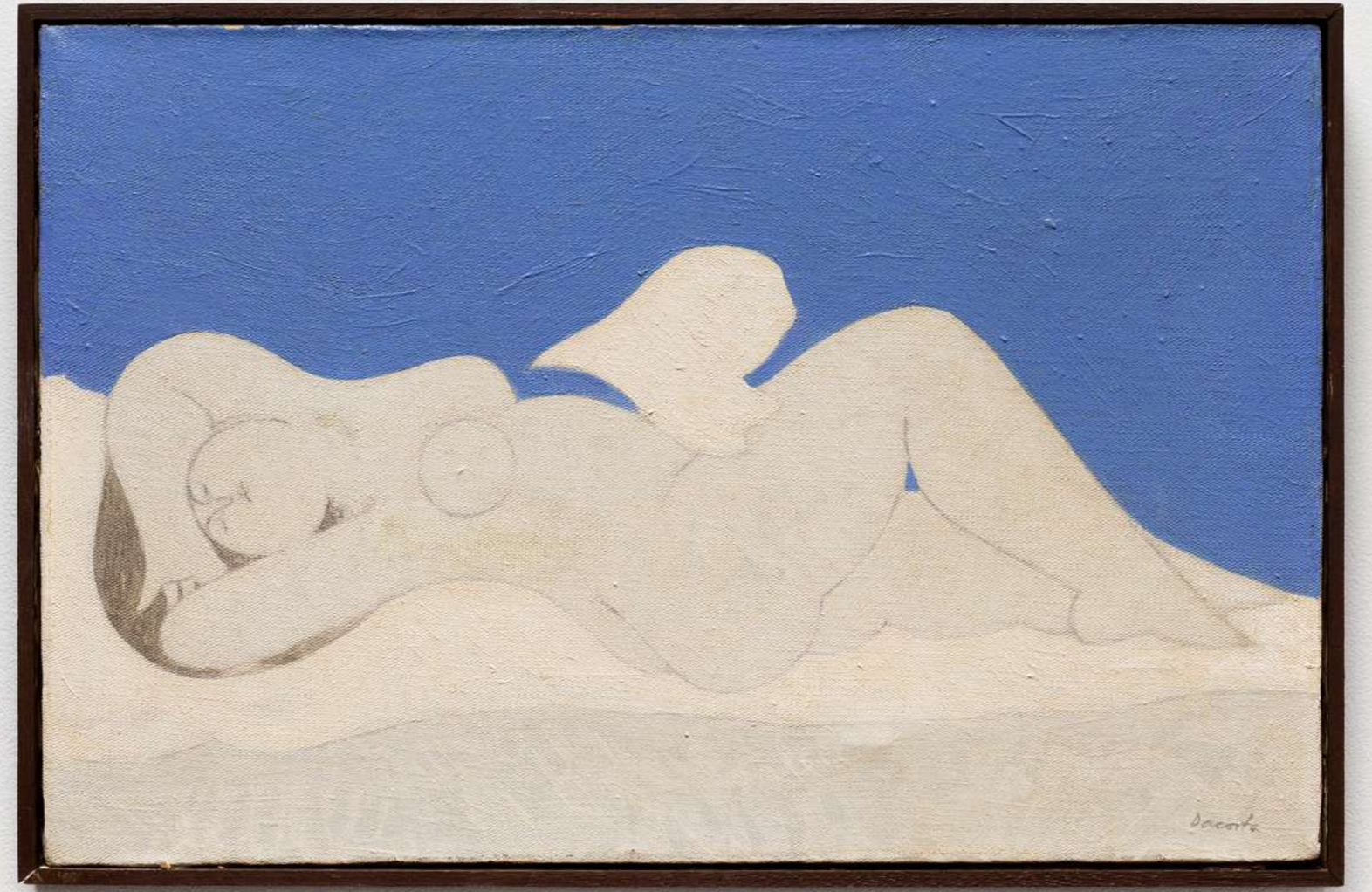
TIGRE D'ÁGUA, 2022
Cerâmica esmaltada
25 x 5 cm
R$ 7.000

M I L T O N D A C O S T A

MILTON DA COSTA

1915, Niterói, Rio de Janeiro - 1988.

Milton Rodrigues Dacosta nasceu em Niterói, Rio de Janeiro, em 19 de outubro de 1915. Em 1931 ingressou na Escola Nacional de Belas Artes, mas dois meses depois a Escola fechou. No mesmo ano participou da formação do Núcleo Bernadelli, grupo de jovens artistas que se reuniam no porão do prédio da Escola. Inicialmente Dacosta pintou composições figurativas e paisagens. Expôs entre os anos de 1933 a 1945 no Salão Nacional de Belas Artes, conquistando o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro em 1944, com a obra “Cena de Atelier”. Sua primeira exposição individual aconteceu em 1937 na Galeria Santo Antônio. O artista viajou para os Estados Unidos em 1944 e em seguida seguiu para Paris, onde conhece Cícero Dias e Pablo Picasso e freqüentou a Academie de La Grande Chaumière. Aos vinte anos casou-se com a pintora Maria Leontina, com quem teve um filho, Alexandre Dacosta, também artista plástico, em 1959. A união durou 37 anos e terminou com a morte da pintora em 1984. Na década de 50 aderiu ao abstracionismo geométrico. Nesse mesmo ano expôs no Ministério da Educação e Cultura do Rio e representou o país na XXV Bienal de Veneza. Dacosta recebeu na II Bienal de são Paulo o Prêmio de Melhor Pintor Nacional, com a obra “Construção”. Entre 54 e 61 mudou-se para o Rio de Janeiro. Nos anos 60, o artista expõe uma série de gravuras coloridas em metal com o tema “Vênus”, tornando-se constante esse estilo em suas obras. Trabalhou como ilustrador de livros, principalmente ilustrador de algumas obras do escritor Carlos Drummond de Andrade. Faleceu em setembro de 1988, quatro anos após a morte de Maria Leontina, no Rio de Janeiro



VÊNUS E PÁSSARO, 1969
Óleo sobre tela
27 x 41 cm
R$ 45.000

VÊNUS II
Óleo sobre tela
81 x 45 cm
R$ 65.000

R A P H A E L O B O É

RAPHAEL OBOÉ

1995, Jundiaí, São Paulo.

Raphael Oboé (1995) é natural de Jundiaí, interior de São Paulo. Seu interesse pela arte vem desde a infância, e aos 15 anos começou a desenvolver sua expressão artística por meio da pichação e do grafite. Mais tarde, o contato com tradições artísticas de povos originários sul-americanos transformou sua produção, tanto na arte de rua, onde o artista desenvolveu uma extensa trajetória, quanto na cerâmica, sua principal mídia de trabalho atualmente. Através da cerâmica, Oboé entrelaça elementos de sua história pessoal, resgatando memórias familiares e explorando processos de miscigenação e apagamento identitário, fazendo referência de modo empírico e intuitivo às tradições ancestrais na arte dos povos da América Latina.

O trabalho e pesquisa de Oboé ganharam mais amplitude em 2019, quando o artista sofreu um grave acidente automobilístico que o deixou acamado por dois anos. Durante esse período, dedicou-se ao estudo intensivo de técnicas cerâmicas, minerais e culturas relacionadas, promovendo uma pesquisa aprofundada nesse campo enquanto lidava com diversas cirurgias e desafios psicológicos decorrentes da debilidade temporária. Utilizando sua experiência como ferramenta de transformação pessoal, o corpo de trabalho do artista é um processo de ressignificação da dor e do trauma.

Oboé já realizou três exposições individuais, além de participar de mostras coletivas como “O meio é a massagem” na Galeria Simões de Assis e “Pedra Viva Serra da Capivara: o Legado de Niède Guidon” no Museu Brasileiro da Escultura.

SEM TÍTULO, 2024
Argila, cinzas e chamote
25 x 36 cm
R$ 10.000

LUTE A LUTA COMO VOCÊ ACHA QUE DEVE
LUTAR E NÃO COMO EXIGEM QUE VOCÊ
LUTE QUE VÃO DIZER QUE VOCÊ NÃO SABE
O QUE É UMA LUTA QUE VÃO DIZER QUE
VOCÊ NÃO TEM FORÇA PARA LUTAR QUE
VÃO DIZER QUE ELES É QUE SABEM LUTAR
QUE VÃO DIZER QUE ELES LUTAM HÁ MAIS
TEMPO DO QUE VOCÊ LUTA QUE VÃO DIZER

SANTA ROSA BARRETO

SANTAROSA BARRETO

1986, São Paulo, Brasil.
Vive e trabalha em São Paulo.

Nascida em São Paulo e graduada em Artes Plásticas pela FAAP, a artista visual explora o processo de apropriação de imagens e de deslocamentos de narrativas que partem da literatura, do cinema, da música e da própria história da arte, através de diferentes mídias como fotografia, pintura, colagem, instalação e textos.

Com o intuito de refletir e levantar questões sobre autoria, linguagem e de investigar textos e discursos como imagens, a artista também tem como tema de pesquisa a história da arte, além dos desdobramentos socioculturais provenientes da relação entre a arte e a política.

Entre as exposições coletivas das quais participou, destacam-se: 48ª Anual de Arte FAAP, como artista convidada, após ter sido selecionada para o programa de residência artística realizado em parceria entre FAAP e Cité Internationale des arts (Paris, França); Histórias feministas: artistas depois de 2000, curada por Isabella Rjeille, no MASP, e a 12ª edição da Bienal do Mercosul, com curadoria de Andrea Giunta e co-curadoria de Fabiana Lopes.

THE MUSES 6, 2023
Serigrafia e acrílica sobre tela
80 x 60 cm
R$ 10.000

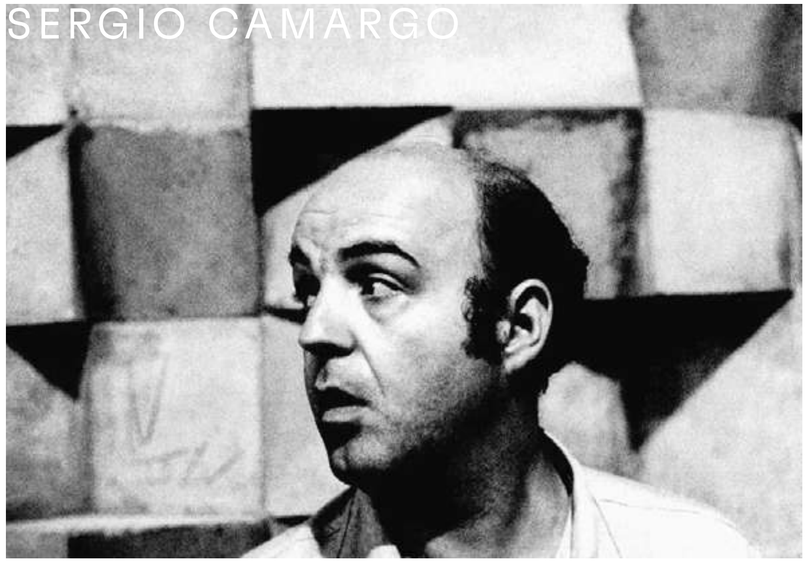
ROSA (ASTROMÉLIAS), 2022
Impressão mineral sobre papel Hahnemühle
Photo Rag, edição de 5 + 2 P.A.
90 x 60 cm
R$ 12.000

LOMBADAS, 2023
Lombadas de livros, gesso
e acrílica sobre tela
22 x 17 x 1,5 cm
R$ 9.000

SEXY, 2023
Radinho de pilha, gesso
e acrílica sobre madeira
22 x 17 x 3,5 cm
R$ 9.000

S E R G I O C A M A R G O

SERGIO CAMARGO



1930, Rio de Janeiro, Brasil.
1990, Rio de Janeiro, Brasil.

Sergio Camargo é considerado um dos mais originais escultores brasileiros ligados à vertente construtiva, mesmo sem ter se filiado a seus grupos ou movimentos. Longe de ser essencialmente racionalista, seu trabalho escultórico emana certa organicidade, fruto da combinação de um número restrito de volumes geométricos, como cilindros, cubos e retângulos, que responde a um princípio de "geometria empírica", como definiu o artista. Em suas composições tridimensionais, a atitude sistemática de junção de formas geométricas não impede que subsista um constante movimento de rompimento e rearticulação, animado pela incidência de luz sobre os volumes. A partir da década de 1970, Camargo passa a utilizar quase exclusivamente o mármore, cuja materialidade reage à incidência de luz de modo mais contundente, revelando, de maneira mais enfática, o aspecto dinâmico das composições.

Iniciou seus estudos em arte aos dezesseis anos, na Academia Altamira, em Buenos Aires, com Emílio Pettoruti e Lucio Fontana. Em 1948, viajou para Europa, onde fez o curso livre de Filosofia na Sorbonne, em Paris, e foi influenciado pelas obras de Constantin Brancusi, Georges Vantongerloo, Hans Arp e Henri Laurens. Entre 1961 e 1973, frequentou aulas de Sociologia da Arte com Pierre Francastel, na École Pratique des Hautes Études. Nesse período trabalhou em seu ateliê de Malakoff, em Paris, e junto ao ateliê Soldani, em Massa, na Itália. No final de 1973, retornou definitivamente ao Rio de Janeiro, onde iniciou a construção de seu ateliê no bairro de Jacarepaguá.

Além do Brasil, Sergio Camargo conquistou grande respeito no circuito internacional, tendo participado de exposições individuais e coletivas, além de realizar importantes obras para espaços públicos, como o Palácio do Ministério das Relações Exteriores (Brasília); Banco do Brasil de Nova York (EUA); Faculdade de Medicina de Bourdeaux (França); e Praça da Sé (São Paulo). Tem obras em museus nacionais e estrangeiros e integra conceituadas coleções privadas.
Em 2000, nos dez anos de sua morte, Sergio Camargo ganhou um local de visitação permanente no Paço Imperial do Rio de Janeiro, com a reconstituição de seu ateliê de Jacarepaguá. Raquel Arnaud representa o artista desde 1975 e é responsável pelo Espólio Sergio Camargo desde 1990.

RELEVO Nº 208, 1968
Relevo de madeira pintado
51 x 51 x 18 cm
R$ 2.500.000

T U N G A

TUNGA

1952, Palmares, Brasil
2016, Rio de Janeiro, Brasil

A prática de Tunga (Antônio José de Barros Carvalho e Mello Mourão) move-se livremente entre as mais diversas disciplinas, como escultura, desenho, performance, instalação, poesia e vídeo, transgredindo linhas fronteiriças não apenas no âmbito da expressão artística mas também em relação a outras práticas humanas, desde a ciência e a alquimia até os ritos ancestrais. Um dos mais potentes e influentes artistas de sua geração, ele desenvolveu, ao longo de 40 anos, um corpo integrado de trabalho que se caracteriza por uma interação associativa —como o espelhamento e a autorreferência— entre peças individuais. Elementos orgânicos e formas morfológicas movimentam-se fluidamente entre a abstração e a figuração, embrenhando-se nas camadas mais profundas da experiência sensorial humana, que vai do simbolismo sexual inconsciente à transformação da matéria em espírito.

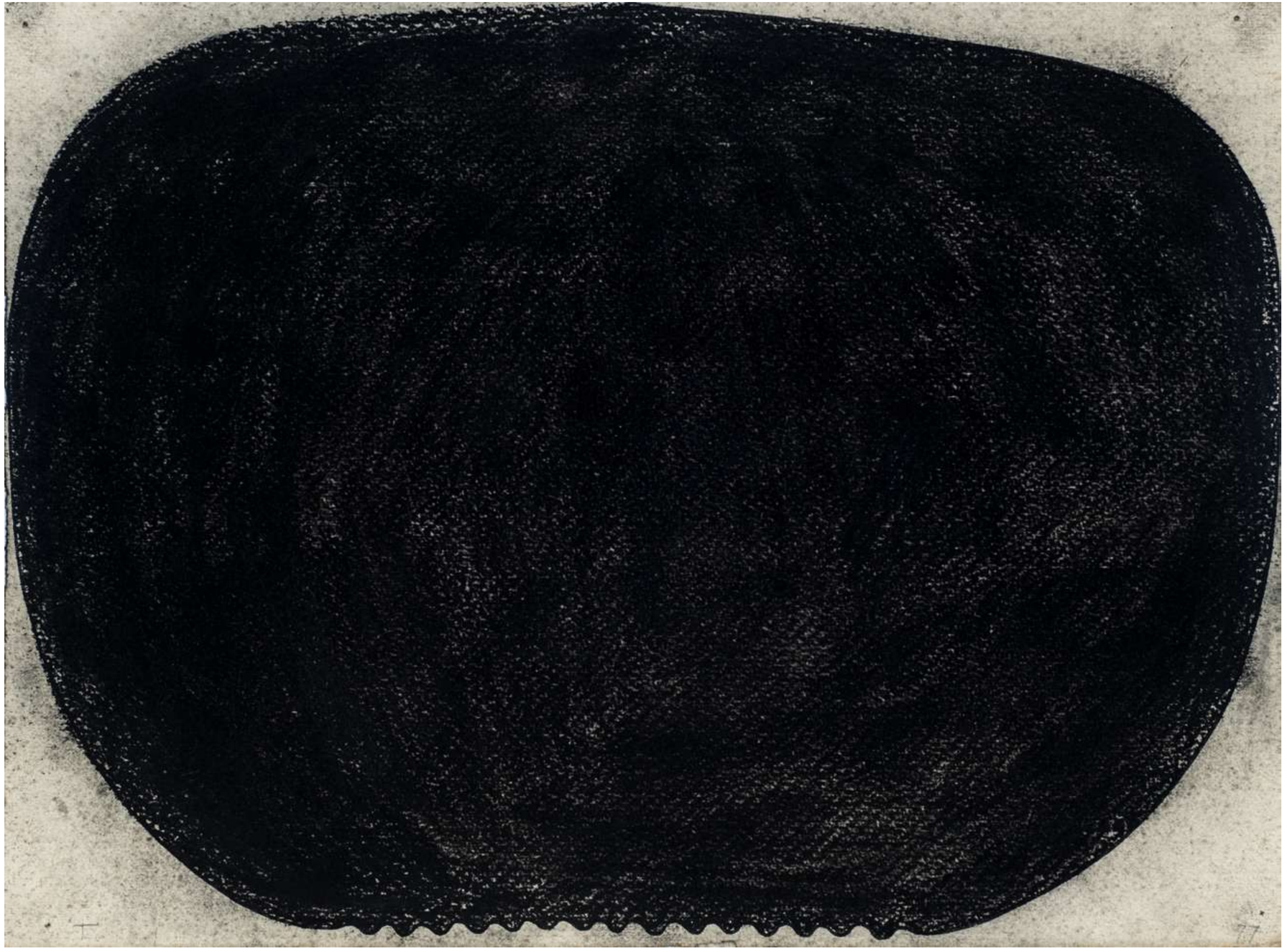
Formado em arquitetura pela Universidade do Rio de Janeiro, fundou, na década de 1970, juntamente com os artistas Cildo Meireles, Waltercio Caldas e José Resende, a revista Malasartes e o jornal A Parte do Fogo, de curta duração. Realizou exposições individuais em instituições como: Château La Coste, Aix-en-Provence, França (2024); Museu de Arte Moderna, São Paulo (2023); Itaú Cultural e Instituto Tomie Ohtake, São Paulo (2022); MASP, São Paulo (2017); Centre d'Art et de la Nature, Domaine de Chaumont-sur-Loire, França (2015); MoMA PS1, Nova York, EUA (2008); Musée do Louvre, Paris, França (2005); Galerie Nationale du Jeu de Paume, Paris, França (2001); Phoenix Art Museum, EUA (1998); Museum of Contemporary Art, Miami (1997); Museum of Contemporary Art of Chicago, EUA; Kanaal Art Foundation, Kortrijk, Bélgica; Whitechapel Gallery, Londres, Reino Unido (1989); e MAM Rio, Rio de Janeiro, (1974). Em 2012, o Instituto Inhotim, em Brumadinho, inaugurou um segundo pavilhão dedicado a sua obra.

Tunga participou de diversas exposições coletivas e Bienais em todo o mundo, incluindo: Pinacoteca de São Paulo (2023 e 2018); Museu de Arte Moderna, Varsóvia, Polônia (2017); Bienal de São Paulo (1981, 1987, 1994, 1998, 2013 e 2018); Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Madri, Espanha (2001); Guggenheim Museum, Nova York, EUA (2001); Bienal de Lyon, França (2000); Bienal do Mercosul, Porto Alegre (1999); Documenta X, Kassel, Alemanha (1997); Bienal de la Habana, Cuba (1994); MoMA, Nova York, EUA (1993); Ludwig Museum, Köln, Alemanha (1993); Gallerie Nationale du Jeu de Paume, Paris, França (1992); Kanaal Foundation, Bélgica; Stedelijk Museum, Holanda (1989); Museu de Arte Contemporânea de Hara, Tóquio, Japão (1985); e Bienal de Veneza, Itália (1982).

Seu trabalho integra importantes coleções públicas, como o Peggy Guggenheim, Veneza, Itália; Tate Modern, Londres, Reino Unido; The Museum of Fine Arts, Houston, EUA; Pérez Art Museum Miami (PAMM), Miami, EUA; Château la Coste, Le Puy-Sainte-Réparade, França; MAC-USP, São Paulo, Brasil; MoMA, Nova York, EUA; Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil; MALBA, Buenos Aires, Argentina; Museo de Arte Moderno de Bogotá, Colômbia; entre outros.

SEM TÍTULO
Nanquim sobre papel
77 x 56 cm
R$ 60.000

SEM TÍTULO
Nanquim sobre papel
77 x 56 cm
R$ 60.000



SEM TÍTULO, 1977
Nanquim sobre papel
38 x 29 cm
R$ 30.000

SEM TÍTULO
Nanquim sobre papel
77 x 56 cm
R$ 60.000

SEM TÍTULO
Nanquim sobre papel
77 x 56 cm
R$ 60.000

ORA

ora.art